Economia - Brasil

ECONOMIA / TEMA DO DIA

Reforçada tese de EQUÍVOCO

EUA zeram taxa básica e ampliam debate sobre possível erro do BC ao não reduzir juros no Brasil

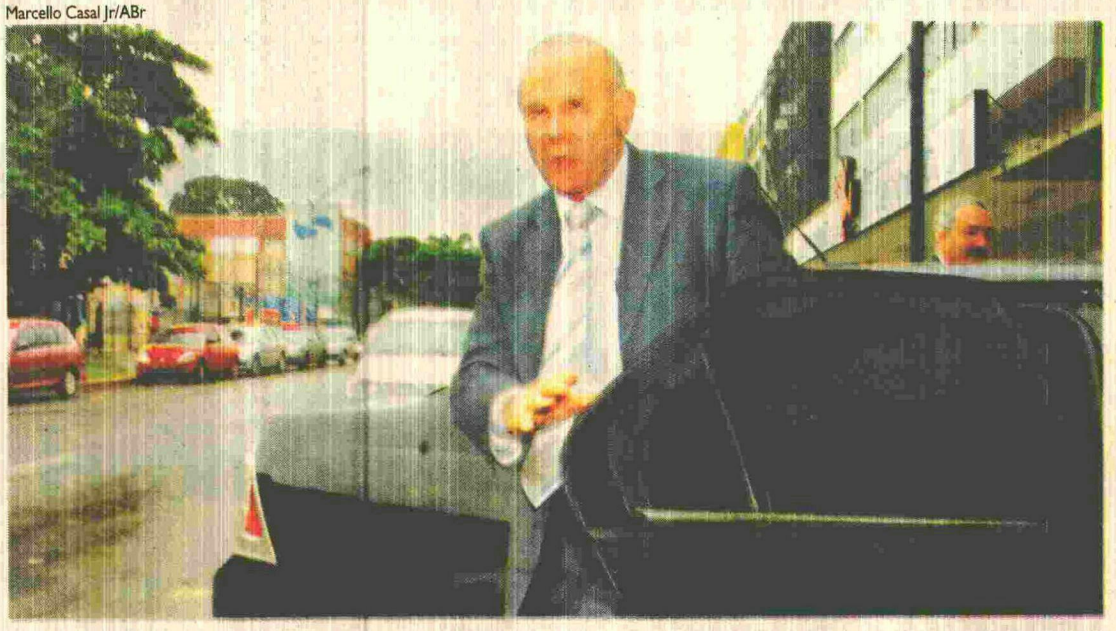
VICENTE NUNES
DA EQUIPE DO CORREIO

A ata da reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) realizada na semana passada, que será divulgada hoje, ratificará a possibilidade de o Banco Central reduzir a taxa básica de juros (Selic) em janeiro próximo. Mas antes mesmo de se tornar público, o documento foi motivo de controvérsias dentro do governo, especialmente no Ministério da Fazenda, onde é visível o inconformismo com o fato de o Copom ter mantido os juros em 13,75% ao ano, a despeito da forte desaceleração da economia. Na visão dos assessores mais próximos do ministro Guido Mantega, a Selic já deveria ter caído. E o fato de o Federal Reserve, o BC dos Estados Unidos, ter praticamente zerado a taxa básica anteontem foi o sinal mais evidente do quanto o BC brasileiro está "equivocado". "Sinceramente, não dá mais para entender a postura do Copom. A impressão é de que o BC está querendo apenas marcar posição, reforçar uma autonomia que todos nós reconhecemos e respeitamos. É teimosia", disse um desses assessores.

Dentro do BC, a ordem é não polemizar, pois, no entender dos que circulam em torno do presidente da instituição, Henrique Meirelles, "todas as decisões do Copom são técnicas". Isso, acreditam, ficará claro mais uma vez quando se fizer a leitura da ata da reunião da semana passada. O documento mostrará que, ao contrário de quase todas as economias — emergentes e desenvolvidas —, que já vinham com a atividade econômica em franca desaceleração quando a crise financeira internacional eclodiu de vez no dia 15 de setembro, com a quebra do Lehman Brothers, o quarto maior banco de investimento dos EUA, no Brasil, o processo era de aceleração do crescimento, como revelou o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) um dia antes de o Copom bater o martelo sobre os juros. No segundo trimestre do ano, por exemplo, o Produto Interno Bruto (PIB) cresceu 1,6% ante o primeiro e, no terceiro, o avanço foi de 1,8% frente ao segundo.

"Portanto, não há como comparar o Brasil com outras economias e, sobretudo, com os Estados Unidos. A decisão do Fed de quase zerar os juros foi um ato extremo, de uma economia que está indo para o fundo do poço", argumentou um defensor do BC dentro do governo. "Lá, pelo que está se vendo, os juros deveriam ser negativos", acrescentou. Esse mesmo aliado de Meirelles ressaltou ainda que as incertezas no horizonte são grandes para que o Copom optasse, na semana passada, por cortar os juros. "A inflação está em queda, é verdade. O dólar dá sinais de que chegou ao seu ápice de valorização. Mas é preciso cautela. Não podemos esquecer que o consumo no país continua forte, apesar da forte retração do crédito, sustentado pela renda e pelo emprego, que não foram efetivamente afetados pela crise", emendou, lembrando que dezembro é um mês atípico, fora da curva, que embaralha os cenários. "Garanto que todos os argumentos técnicos do BC estarão muito bem fundamentados na ata", avisou.

Marcello Casal Jr/ABr



DECISÃO DO BC NORTE-AMERICANO FAVORECE IDÉIAS DEFENDIDAS PELO MINISTRO DA FAZENDA, GUIDO MANTEGA

Miopia

Para a Fazenda, o BC, que sempre diz estar se antecipando aos fatos, deveria ter ampliado seu foco de visão e constatado os riscos "elevadíssimos" de o PIB do último trimestre deste ano e do primeiro de 2009 registrar retração, caracterizando que o Brasil entrou em recessão. Com esse quadro à vista — a Fazenda admite que o tombo do PIB entre outubro e dezembro pode chegar a 1,2% —, Mantega acredita que o BC poderia ter reduzido a Selic em pelo menos 0,25 ponto percentual. Do ponto de vista prático, de custo do dinheiro, o corte seria insignificante. Mas, do ponto de vista psicológico, para manter a confiança dos empresários e dos consumidores no futuro da economia, a redução seria "extremamente positiva".

Segundo o economista Ricardo Amorim, presidente da Concórdia Asset Management, a prudência do BC em manter os juros inalterados por mais um mês foi acertada. "Mas, a partir de agora, sem dúvida, a Selic terá de cair". A seu ver, com a produção e o consumo em queda e a perspectiva de o dólar perder força ante o real, os cortes dos juros terão de ser agressivos, com a Selic encerrando 2009 em 10% e iniciando 2010 em apenas um dígito, um fato inédito no país.

Na opinião de Luiz Rabi, economista da MCM Consultores, a Selic vai baixar em janeiro. Mas ele não vê espaço para grandes quedas, uma vez que o Brasil ainda não fez o dever de casa na área fiscal, ao reduzir gastos correntes e ampliar as despesas com investimentos. "Acredito que o Copom conseguirá cortar, no máximo, dois pontos percentuais da Selic no ano que vem, com a taxa fechando em 11,75%. Em 2010, os juros cairão mais um ponto percentual, para 11,25% (taxa que vigorava até abril último). Só veremos juros nominais de um dígito em 2103 ou 2014", previu.